

33 *Champs de Mars, 7.º bairro,*
Paris, 1983

O cientista examinou a rapariga, percorrendo-lhe a pele com os dedos. Ela sentia o toque dele nas omoplatas, nas protuberâncias da coluna, na base das costas. Os movimentos dele eram calculados, clínicos, como se esperasse encontrar algo errado nela — uma décima terceira vértebra ou uma segunda espinha dorsal, a crescer qual linha de ferro ao lado da original. A mãe da rapariga havia-lhe dito para fazer tudo o que o cientista lhe pedisse, pelo que ela suportou o exame em silêncio: quando ele lhe apertou um torniquete à volta do braço, ela não ofereceu resistência; quando ele desenhcou o percurso sinuoso da veia dela com a ponta da seringa, ela permaneceu imóvel; quando a agulha foi enfiada sob a pele e o fluxo de sangue encheu o cilindro da seringa, ela cerrou os lábios até deixar de os sentir. Viu a luz do Sol entrar pelas janelas, abençoando a sala esterilizada com cor e calor, e sentiu uma presença a protegê-la, como se um espírito tivesse descido para a apoiar e reconfortar.

Enquanto o cientista enchia três ampolas de vidro com sangue, ela fechou os olhos e pensou na voz da mãe. A mãe dela gostava de lhe contar histórias sobre reinos encantados, belas adormecidas e corajosos cavaleiros sempre dispostos a combater em nome do Bem; falava-lhe sobre deuses que se transformavam em cisnes, belos rapazes que se transformavam em flores e mulheres que se metamorfoseavam em árvores; sussurrava-lhe que existiam anjos tanto no Céu como também na Terra e que, tal como os anjos, havia pessoas que sabiam voar. A rapariga escutava essas histórias

sem nunca saber muito bem se eram verdade. Mas havia algo em que ela acreditava: em todos os contos de fadas a princesa acordava, o cisne retomava a forma de Zeus e o cavaleiro derrotava o Mal. Num abrir e fechar de olhos, com o acenar de uma varinha mágica ou o lançamento de um feitiço, o pesadelo terminava e uma nova era começava.

O PRIMEIRO CICLO

Limbo

*Allée des Refuzeniks, Torre Eiffel,
7.º bairro, Paris*

V. A. Verlaine transpôs a barreira de *gendarmes* e caminhou em direção ao corpo. Era quase meia-noite e o quarteirão encontrava-se deserto, porém todo o perímetro do Champs de Mars — desde o quai Branly até à avenue Gustave Eiffel — estava vedado pelos carros da Polícia, as luzes vermelhas e azuis a piscar na escuridão. Um projetor havia sido montado num dos cantos do local, a sua luz crua revelando um corpo mutilado deitado numa poça de sangue azul elétrico. As feições da vítima eram impossíveis de ler, o corpo fraturado e ensanguentado, os braços e as pernas numa posição pouco natural, como ramos arrancados de uma árvore. A expressão «em frangalhos» surgiu na mente de Verlaine. Ele contemplou a criatura moribunda, vendo as asas desdobrarem-se sobre o corpo. Viu-a estremecer de dor e ouviu os seus gemidos agudos e animais, até esmorecerem num lamento débil. Os ferimentos eram graves — um golpe profundo na cabeça e outro no peito — e, no entanto, parecia que a criatura, movida por um desejo infinito de sobrevivência, jamais pararia de se debater, continuaria a lutar e a estrebuchar, ao mesmo tempo que o seu sangue se espalhava no chão, uma pasta escura e espessa. Uma película leitosa desceu sobre os olhos da criatura, conferindo-lhe o olhar vago de um lagarto, e Verlaine soube que o anjo havia finalmente morrido.

Olhou por cima do ombro e o seu maxilar ficou muito tenso. Do outro lado da corrente de agentes da Polícia via-se toda uma série de criaturas — uma enciclopédia viva de seres que o matariam se soubessem que ele os conseguia ver. Ele pausou, assumindo a

posição fria e calculista de um investigador, ao mesmo tempo que catalogava as criaturas na sua mente: havia congregações de anjos Mara, as belas e amaldiçoadas prostitutas cujos dons eram uma tentação imensa para os humanos; anjos Gusian, que adivinhavam o passado e o futuro; anjos Rahab, seres caídos em desgraça que eram considerados os intocáveis do mundo angélico. Ele era capaz de identificar os pequenos traços físicos distintos dos anjos Anakim — as unhas aguçadas, a testa larga, a estrutura ligeiramente irregular do esqueleto. Via tudo isso com uma nitidez implacável que se manteve mesmo depois de ele se ter voltado novamente para o frenesim em torno do homicídio. O sangue da vítima havia começado a espalhar-se para lá dos contornos da luz do projetor, escorrendo para as sombras. Ele tentou focar a estrutura de ferro da Torre Eiffel, para se acalmar, mas as criaturas consumiam toda a sua atenção. Não conseguia tirar os olhos das asas que batiam na noite cerrada.

Verlaine descobrira a sua capacidade para enxergar as criaturas há cerca de dez anos. Essa habilidade era um dom — muito poucas pessoas conseguiam ver as asas de um anjo sem antes terem formação exaustiva. Ao que se veio a saber, a fraca visão de Verlaine — usava óculos desde o quinto ano e não via um palmo à frente do nariz sem eles — devia-se a uma deformação nas suas córneas que permitia a entrada de luz no olho na proporção exata para poder vislumbrar toda uma variedade de asas de anjo. Ele nascera para ser um caçador de anjos.

Agora Verlaine não conseguia bloquear a luz colorida que circundava as criaturas angelicais, os campos de energia que separavam esses seres dos espaços monótonos e incolores ocupados pelos humanos. Dava por si a observá-los enquanto deambulavam pelo Champs de Mars, estudando os seus movimentos e desejando poder abstrair-se da atração delirante que eles exerciam sobre si. Às vezes tinha a certeza de que iria enlouquecer, que as criaturas eram os seus demónios pessoais, que habitava um círculo infernal privado onde uma variedade interminável de diabos se pavoneava à sua frente, como se tivessem sido reunidos com o intuito de o gozar e torturar.

Porém, esse era o tipo de pensamento que o podia levar a ser internado num hospício. Ele tinha de se esforçar para manter o equilíbrio, para recordar que via as coisas a uma frequência mais elevada do que as pessoas normais, que o seu dom era algo que ele devia estimular e proteger, ainda que o magoasse. Bruno, seu amigo e mentor, o homem que o tinha trazido de Nova Iorque e o tinha treinado para ser caçador de anjos, dera-lhe uns comprimidos para acalmar os nervos, e embora Verlaine tentasse tomar o mínimo possível, deu por si a procurar a caixinha de esmalte no bolso do casaco, para retirar dois comprimidos brancos.

Sentiu uma mão no ombro e virou-se. Bruno estava atrás dele, com uma expressão severa no rosto.

— Os golpes indicam um ataque Emim — disse-lhe ele, em voz baixa.

— A pele chamuscada confirma-o — replicou Verlaine. Desabotoou o casaco, um casaco desportivo amarelo *vintage* dos anos 70, feito de poliéster e de um gosto duvidoso, e acercou-se do corpo. — Traz alguma identificação?

O mentor dele retirou uma carteira do corpo, a camurça clara manchada de sangue, e começou a vasculhá-la. Subitamente, o rosto de Bruno mudou de expressão. Na mão tinha um cartão de plástico.

Verlaine pegou no cartão e examinou-o, ansioso. Tratava-se de uma carta de condução emitida pelo estado de Nova Iorque, com o retrato de uma mulher com o cabelo preto e os olhos verdes. O coração dele bateu com mais força dentro do peito quando percebeu que pertencia a Evangeline Cacciatore.

Ele não tinha contado a ninguém a verdade sobre Evangeline. Aliás, ninguém sabia que ela se havia transformado precisamente numa das criaturas que eles caçavam e matavam. Para Verlaine, guardar o segredo de Evangeline fora uma espécie de promessa implícita entre ambos; ele podia saber a verdade sobre aquilo em que ela se havia transformado, mas jamais a partilharia. Essa era, percebia-o agora, a sua única forma de permanecer fiel à mulher que amava.

Agora uma Nefilim fêmea havia sido assassinada. Verlaine levou instintivamente a mão à caixinha de comprimidos, mas deteve-se. Sabia que tudo — a sua relação com Bruno, a sua ligação à Sociedade Angelológica, o curso da sua vida desde então — dependeria da forma como se comportasse nos dez minutos seguintes. Respirou fundo, tentando acalmar-se, antes de se virar para Bruno.

— Acha que pode ser ela? — perguntou Verlaine, por fim, observando cuidadosamente a expressão do seu chefe.

— É uma questão de ver — replicou Bruno, acenando com a cabeça na direção do corpo ensanguentado entre ambos.

Verlaine enfiou os dedos entre os botões do casaco impermeável da vítima, as mãos a tremerem-lhe tanto que teve de se acalmar para conseguir distinguir a forma dos ombros dela. As feições da mulher estavam totalmente irreconhecíveis.

Lembrava-se da primeira vez que vira Evangeline. Parecera-lhe simultaneamente bela e melancólica, fitando-o com os seus enormes olhos verdes como se ele fosse um ladrão que tivesse aparecido para lhes roubar os textos sagrados. Desconfiara dos motivos dele e fora implacável na sua determinação para o manter afastado. Mas depois ele fizera-a rir-se e a máscara de rigidez desvanecera-se. Esse momento entre ambos ficar-lhe-ia gravado para sempre e por muito que tentasse jamais conseguira esquecer Evangeline. Havia decorrido cerca de uma década desde que tinham estado juntos na biblioteca do Convento de Santa Rosa, os livros abertos à frente deles, ambos alheios à verdadeira natureza do mundo. «Naquele tempo, havia gigantes na Terra, e também depois disso.» Essas palavras, assim como a mulher que lhas tinha mostrado, haviam transformado a sua vida.

Verlaine enfiou a carta de condução no bolso e afastou-se.

*McDonald's, avenida dos Campos Elísios,
1.º bairro, Paris*

Paris estava cheia de angelologistas e, como tal, era um dos lugares mais perigosos do universo para um anjo Emim como Eno, que tinha tendência para ser imprudente. Tal como o resto da sua espécie, ela era alta e esbelta, com as maçãs do rosto salientes, os lábios carnudos e a tez acinzentada. Usava uma maquilhagem preta bastante carregada, batom vermelho e roupa de cabedal, e tinha o hábito de exhibir destemidamente as suas asas negras, como se desafiasse os angelologistas. Esse gesto era considerado um ato de provocação, mas Eno não gostava de se esconder. Em breve aquele seria o mundo deles. Os Grigori haviam-lho prometido.

Ainda assim, viam-se angelologistas por toda a cidade de Paris — investigadores que pareciam ter passado os últimos cinquenta anos enfiados nos arquivos da Academia de Angelologia, principiantes demasiado zelosos que tiravam fotografias a todas as criaturas com que se deparavam, biólogos angelológicos em busca de amostras de sangue angelical e, pior que tudo, pelo menos na opinião de Eno, equipas de caçadores de anjos a tentar deter todas as criaturas angelicais. Esses idiotas costumavam confundir os Golobiums com os Nefilins e os Nefilins com criaturas mais puras como os Grigori, por exemplo. Nos últimos tempos parecia haver um caçador em cada esquina, à espreita, à espera, a postos para deter a sua presa. Para aqueles que conseguiam detetar os caçadores, a vida em Paris era apenas inconveniente. Para quem não tinha essa capacidade, cada movimento na cidade era um jogo de vida ou morte.

Obviamente, Eno tinha regras muito específicas de abordagem e a primeira, e mais importante de todas, era jamais correr o risco de ser apanhada. Após ter matado Evangeline, afastara-se rapidamente do local do crime e atravessara os Campos Elísios, onde ninguém se lembraria de a procurar. Era da opinião de que às vezes era preferível esconder-se à vista de todos.

Eno colocou as mãos à volta do copo de polistireno e observou o movimento incessante nos Campos Elísios. Regressaria para junto dos seus amos logo que lhe fosse possível, agora que o seu trabalho em Paris estava feito. Havia sido destacada para encontrar e matar uma jovem Nefilim. Vigiara a criatura durante várias semanas, observando-a, assimilando todos os seus hábitos. O seu alvo despertara-lhe uma certa curiosidade. Evangeline era muito diferente dos Nefilins que ela tinha visto antes. Segundo os seus amos, Evangeline era filha de um Grigori, mas não possuía nenhum dos traços característicos de um anjo da sua linhagem. Fora criada entre os seres humanos, abandonada pela sua espécie, e — a julgar por tudo o que Eno havia observado — nutria uma compaixão perigosa pelo modo de viver da humanidade. Os Grigori queriam Evangeline morta. E Eno nunca desiludia os seus amos.

E tinha a certeza de que também eles não a deixariam ficar mal. Os Grigori levá-la-iam para casa, para a Rússia, onde ela se misturaria com os outros anjos Emins. Em Paris ela dava demasiado nas vistas. Agora que o seu trabalho estava feito, queria deixar aquela cidade perigosa e repugnante.

Descobrira os perigos dos angelologistas parisienses à sua própria custa. Há muitos anos, quando ela era jovem e ainda desconhecadora do modo de vida dos humanos, quase fora morta por um angelologista. Fora no verão de 1889, durante a Exposição Mundial de Paris, e as pessoas haviam acorrido à cidade para ver a recentemente erguida Torre Eiffel. Ela deambulava pela exposição e aventurara-se no meio da multidão nos campos ali perto. Ao contrário de muitos Emins, adorava passear no meio dos seres miseráveis que povoavam Paris, adorava tomar café nos cafés

deles e passear nos seus jardins. Gostava de se deixar envolver no corrúpio da sociedade humana; a energia exuberante da sua existência fútil.

Durante o seu passeio, reparou num atraente soldado inglês que a observava do outro lado do Champs de Mars. Conversaram sobre o jardim durante uns minutos e depois ele pegou-lhe no braço e conduziu-a para lá das multidões de soldados de infantaria, de prostitutas e mendigos, para lá das carruagens e dos cavalos. A julgar pela sua voz meiga e educada, ela calculava que ele fosse mais nobre do que a maioria dos seres humanos. Segurava delicadamente a mão dela, como se ela fosse demasiado delicada ao toque, ao mesmo tempo que a examinava com o cuidado de um joalheiro que avalia um diamante. O desejo humano era algo que a fascinava — a sua intensidade, a forma como o amor controlava e moldava a vida das pessoas. Aquele homem desejava-a. E Eno achou-lhe piada. Ainda recordava o cabelo dele, os olhos escuros, a sua elegância, vestido com fato e cartola.

Tentou perceber se o homem teria noção do que ela era. Ele conduziu-a para longe das multidões e quando ficaram a sós, atrás de uma sebe, ele olhou-a diretamente nos olhos. Algo havia mudado nele — antes tinha sido carinhoso e apaixonado, mas agora os seus modos estavam carregados de violência. Ela ficou deslumbrada com a transformação, a natureza inconstante do desejo humano, a forma como ele era capaz de simultaneamente a amar e odiar. De repente, o homem sacou de um punhal e lançou-se a ela. «Seu animal», exclamou ele numa voz sibilante, ao mesmo tempo que desferia um golpe na direção de Eno, com a voz carregada de ódio. Ela reagiu com rapidez, dando um salto para o lado, e o punhal falhou o alvo: em vez de acertar no coração dela, o soldado apanhou-lhe o ombro, rasgando-lhe o vestido e a pele, fazendo com que a carne se encaracolasse no sentido contrário ao osso, qual pedaço de renda. Eno virou-se a ele com toda a sua força, esmagando-lhe os ossos do pescoço entre os dedos até os olhos dele ficarem empedernidos como pedras baças. Levou-o para trás das árvores e desfez tudo o que havia considerado belo nele: os olhos bonitos, a pele, o rebordo delicado e carnudo das orelhas, os dedos

que — escassos minutos antes — lhe haviam provocado prazer. Pegou no casaco da farda do homem e colocou-o à volta dos ombros, para esconder o seu ferimento. Só não conseguia esconder a humilhação que sentia.

O golpe acabara por sarar, mas ela ficara com uma cicatriz com a forma de lua em quarto crescente. De vez em quando examinava a ténue linha no espelho, para se lembrar a si própria da traição de que os humanos eram capazes. Ficou a saber, após ter lido a notícia no jornal, que o homem era um angelologista, um dos muitos agentes ingleses a trabalhar em França no século XIX. Ela tinha caído numa armadilha. Eno fora enganada.

O homem havia morrido há muito, mas ela ainda ouvia a voz dele na cabeça, sentia o calor do seu hálito a chamar-lhe animal. A palavra «animal» estava gravada na sua mente, uma semente que crescia dentro dela, libertando-a de todo e qualquer constrangimento. O seu trabalho como mercenária começou a agradar-lhe mais após cada nova vítima. Estudou o comportamento dos angelologistas, os seus hábitos e técnicas de caçar e matar seres angelicais, até ficar a conhecer profundamente o seu trabalho. Conseguia cheirar um caçador à distância, sentir a presença dele, o seu desejo de a capturar e matar. Às vezes deixava-os aprisioná-la. Deixava-os inclusivamente levar a cabo as suas fantasias com ela. Deixava-os levá-la para a cama, atá-la, brincar com ela, magoá-la. Quando o divertimento chegava ao fim, matava-os. Era um jogo perigoso, mas ela controlava-o por completo.

Eno pôs uns óculos demasiado grandes, com as lentes pretas e bulbosas. Raramente saía sem eles. Dissimulavam os seus enormes olhos amarelos e as maçãs do rosto invulgarmente salientes — o traço mais característico dos Emins —, permitindo-lhe fazer-se passar por uma fêmea humana. Recostando-se na cadeira, esticou as pernas compridas e fechou os olhos, recordando o terror estampado no rosto da sua vítima, a resistência da carne quando ela cravara as unhas sob as costelas e as puxara, o arrepio de surpresa que Eno sentira ao vislumbrar o primeiro afluxo de sangue azul que escorrera para o pavimento. Ela nunca tinha matado uma criatura superior e a experiência ia contra tudo o que ela fora treinada para

fazer. Esperara uma luta digna de um Nefilim. Porém, Evangeline morrera com a facilidade patética de uma mulher humana.

O telemóvel vibrou-lhe no bolso e ela pegou nele ao mesmo tempo que perscrutava a multidão de gente que passava, o seu olhar a alternar entre humanos e anjos. Só uma pessoa ligava para aquele número e Eno tinha de se certificar de que conseguia falar em privado. Os Emins eram obrigados a servir os Nefilins e durante anos ela limitara-se a cumprir o seu dever, trabalhando para os Grigori por uma questão de gratidão e medo. Pertencia a uma casta guerreira e tinha aceitado o seu destino. Pouca coisa lhe interessava como assistir ao apagar de uma vida, ao último fôlego, à doce imobilidade de um corpo morto.

Com os dedos a tremer, ela atendeu a chamada. Ouviu a voz rouca e sussurrante do seu amo, uma voz sedutora que ela associava a poder, a dor e a morte. Ele proferiu poucas palavras, mas ela percebeu de imediato — pela forma como ele falava, a voz carregada de veneno — que algo havia corrido mal.